ANNO 9.º — Sexta-feira, 16 de Fevereiro de 1917 — (AVENÇA) — Numero 460

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

——(*)——

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

O bloqueio submarino germanico

———(———

Reedição do "bloqueio ontinental,, napoleónico

Em fins de 1806, estava Napoleão I quasi no fastigio do seu esplendoroso e sangrento poderío.

Tendo derrotado a Austria em Austerlitz e esmagado a Prussia em Iena, em toda a extensão da Europa apenas a Russia, que em breve ia ser vencida em Eylau e em Friedland, e a Inglaterra, a quem o mar servia de escudo, ousavam ainda resistir-lhe. As restantes potencias europeias, batidas, humilhadas, aterradas, curvavam a cerviz e obedeciam...

Mas esta submissão era só aparente; sob ela referviam a cólera, o odio, a indignação; os poves viam-se feridos nos seus mais intimos e nobres sentimentos; e, por detraz deles, animada a resistencia, Napoleão sentia sempre o braço poderoso e incansavel da Gran-Bretanha, da Gran-Bretanha que fôra sempre o seu constante pesadelo...

Era intoleravel. Do alto da sua quasi omnipotencia, Napoleão deliberou aniquilar a rival odiada, que, tendo destruido em Aboukir e em Trafalgar a marinha francêsa, era a senhora dos mares e a alma da reacção europeia contra a hegemonia imperialista gaulesa.

A fonte do poderío e da opulencia da Inglaterra estava no seu colossal comercio, que abarcava todos os mares e terras do globo?

Pois bem. Estancaria essa exuberante seiva vital, perturbaria e arruinaria esse tráfico imenso, reduziria pela pobreza, pela fóme, pela mizeria a rival detestada, e isto fechando-lhe a terra, já que os mares não podiam ser-lhe interditos.

Assim pensou Napoleão; e, de Berlim, onde poucas semanas antes entrara como triunfador, expediu, a 21 de novembro de 1806, no desvairamento do seu orgulho cesáreo, o celebre decreto que interdizia a todas as nações da Europa, tanto ás neutras como ás aliadas da França, o comercio com a Inglaterra, creando o sistema económico proíbitivo que ficou conhecido na historia pela designação de *bloqueio continental*.

As consequencias deste acto de Napoleão foram incalculaveis e transcenderam muito além de quanto ele tinha julgado. Se afectou gràvemente a prosperidade comercial inglêsa, afectou, mais intensamente ainda, a vida económica das restantes nações europeias, incluindo a França, e provocou em todas elas enorme descontentamento, sendo um dos maiores êrros da politica do guerreiro formidavel. E, peor ainda, suscitou a guerra com a Russia, que foi o inicio do descalabro irremediavel dos sonhos napoleónicos de dominio universal.

* * *

Identicamente ao seu ilustre colega corso e a 110 anos de distancia, tambem essa sinistra caricatura cesarea que dá pelo nome de Guilherme II da Alemanha—alucinada besta-fera, capaz, como digno representante do seu povo, das maximas infamias e das mais hediondas atrocidades—vem de reincidir no mesmo erro. E correcto e aumentado, porque enquanto Napoleão I se limitava a pretender isolar a Gran-Bretanha do resto da Europa, o novo Atila pretende isolar do resto do mundo as nações que combatem a Alemanha, isto é, cortar todas as comunicações maritimas entre quatorze potencias, cinco das quaes das mais podero-s do globo, e o resto da humanidade!

Sentindo-se perdido, vendo eminte a hora da derrota e do castio, ouvindo, talvez com secretos reorsos, o lugubre côro ululante dobando de chacais esfaimados emque o seu povo se encontra covertido, Guilherme II, consultad o conselho dos seus serventuáos e cumplices, acaba de interder a todos os neutros o comero com as nações que combatem ela liberdade do genero humano e pela independencia dos povos

O simples enunciado do estupendo projecto basta para evidenciar o desvairamento de quem o concebu.

Se bloqueio napoleónico determino imensas perturbações, ruínas e mizerias, bem mais gráves seriam, em duvida, as que, a ser acatada por todos os neutros, a ultima e atroz fantasia imperial alemã orinaria.

Como quasi todas as nações europeias se encontram em guerra com o blóo germano-turco-bulgaro e como os territorios coloniaes dessas naçes se estendem por todos os connentes, a observancia, por parte os neutros, das prescrições do loqueio submarino germanico repısentaria a paralização da maior prte da navegação maritima, a suensão de quasi todo o tráfico conercial externo, o inicio duma crie bem mais temerosa que a que a hmanidade atravessa.

Deste moo, o gesto monstruoso de Guilherme II completaría, excedendo-o emmizerias e horrores, o gesto desvarado de Napoleão I.

Felizmente o que, no seu criminoso delirio o *kaiser* esperava que deveria se a salvação da periclitante causa germanica, volvase em decisivo agente de ruína de essa mesma caisa.

Os neutros, em vez de acatarem, submissos, os caprichos do governo de Berim, revoltam-se e protestam com ndignação; o mais poderoso de entre eles, os Estados Unidos, corta relações diplomaticas com o imperio alemão e apercebe-se para a guerra e outros ameaçam enveredar por identico caminho. Deste modo, onde a Alemanha esperava encontrar um elemento de triunfo, surge-lhe uma nova causa de derrota infalivel.

A antiga sabedoria classica havia já proclamado *que Jupiter ensandecia aqueles que queria perder*. Mais uma vez se verifica a verdade do asserto.

Analogamente a Napoleão I, Guilherme II, preza de crescente desvairamento, vergando ao peso dos mais odiosos crimes, das mais abominaveis infamias, asfixiando sob a unanime execração universal, entra em perfeita crise delirante e, com os seus erros, cava, ele proprio, a sepultura em que hão-de ser enterrados os sonhos hediondos, os sonhos de rapina, sangue e assolação do pangermanismo!

O bloqueio submarino, do qual ele e os bandidos que o rodeiam esperavam a salvação, converter-se-á no mais eficaz instrumento do merecido castigo que os espera.

E' que a justiça, ao contrario do que pensam as hordas germanicas, caídas em absoluta e insanavel perversão moral, não é uma palavra vã...

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Films...

Rapto em prespectiva

Mandam dizer de Lisboa a um jornal do Porto que, tendo a irmandade do Senhor dos Passos da Graça vencido, no tribunal, o pleito que trazia com a associação do culto sobre a posse da igreja, ha fundados receios, entre os devotos, de que os cultualistas raptem de noite a imagem, o que, a dar se esse premeditado sacrilegio, diz o correspondente, sería unico na historia da nossa Lisboa turbolenta...

Se fôsse cá em Aveiro bem sabemos que mudava o caso de figura: é que a historia, registando nos seus anaes o rapto do mesmo *sr.*, ou de outro com identico nome, da sua primitiva habitação, a ninguem causaría engulhos vêr de novo repetida a mesma edificante scena. Agora em Lisboa... Se a Cultual leva por deante os seus intentos, cáe, decerto, o Carmo e a Trindade se não caír tambem o govêrno...

O caso, por causa do sr. dos Passos da Graça, está sério...

Cada terra com seu uzo..

O leite de mulher póde adquirir-se na China por baratissimo preço. Em Shanghai andam as mulheres ordenhando-se pelas ruas, em pequenas vasilhas, que vendem aos moradores ou transeuntes. Este leite é ali muito apreciado como alimento nutritivo, especialmente para os velhos ou para os tisicos.

Se a *moda* pegasse entre nós, escreve o colléga bejense, *O Porvir*, havería aí gulosos que não esperariam que as mulheres se ordenhassem—ordenhavam-nas eles...

Não havia de ser só em Beja...

Valentes!...

Dizem-nos que foi ultra-comica a exibição dum *melicio* que por todas as casas e repartições publicas andou com o papá em ridicula via-sacra, apresentando as suas despedidas visto partir para terras de França onde se deve *bater* como um *valiente* ajudante nas... salas da repartição do registo civil ou dos conselhos de guerra.

Não houve cão nem gato que evitasse o respectivo adeus da partida, para a qual se pretendia, com semilhante expediente, preparar numeroso bota-fóra, que se gorou e ainda bem.

Mas havemos de ouvir que fôram estes e outros *valentes* de egual estofo quem decidíram da campanha, portando-se como heroes.

Se lhes está na massa do sangue...

Irá desta?

Consta que vão ser exonerados os administradores de concelho interinos que contra o disposto na lei de 14 de Junho de 1913 exercem os respectivos cargos ha mais dum ano.

Irá desta?—perguntarão os ingenuos que suponham periclitantes as *flutuações* do afilhado do sr. governador civil.

Só vendo.

O TEMPO

Pouco se modificou desde a semana passada, a não ser na parte relativa á chuva, que tem caído abundantemente. De resto, o mesmo frio, mas não tanto que se possa comparar ao da serra onde o termometro vem marcando alguns gráus abaixo de zéro.

O que vale é que já se aproxima a primavera como uma esperança de melhores dias.

É ESPANTOSO!

—=(*)=—

Recebemos do snr. Adolfo de Souza Reis, datada do Porto, uma carta dirigida ao Congresso Português, na qual o signatario se insurge contra uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça, que, baseado num documento, *que nunca existiu*, passou por cima do julgamento de vinte e cinco juizes, que se pronunciaram precisamente sobre a base contraria da não existencia do referido documento, lavrando no célebre pleito conhecido por—*Questão do Gerez*—um acordão iniquo, verdadeira monstruosidade juridica.

O peticionario, apelando para a Justiça e Moralidade da Republica e para a Soberania do Congresso, brada e brada de alto que se não conforma com tamanha pouca vergonha, mas o que nos parece é que perde o seu tempo e o seu dinheiro, tal o estado caótico a que tudo chegou neste infelicitado país.

Isenção!
Consciencia!
Justiça!

Quem déra que se podésse reunir nos tribunaes portuguêses esta triología e que sobre ela fossem escritos todos os acordãos, lavradas todas as sentenças! Nem o snr. Adolfo de Souza Reis teria que se indignar ante o que agora se lhe depára ao cabo de tantos baldões, que a sua questão tem levado, nem nós ensejo de voltarmos a falar nas custosas indemnisações arrancadas pelos **gatunos**, a quem temos desmascarado, ao cofre, sempre exausto, deste jornal.

Ninguem tinha de que se queixar, em suma. Mas o peor é ainda não termos chegado a essa perfectibilidade não obstante os protestos das vitimas dos erros, dos odios e da má fé dos julgadores serem cada vez mais clamorosos.

CALENDARIO

Recebemos e agradecemos o que nos oferece o proprietario da conhecida *Casa da Costeira*, sr. Antonio Souto Ratola, como representante, nesta cidade, da nova companhia de seguros *A Europa*, ultimamente constituida em Lisboa com o capital de 600:000 escudos.

Muitas prosperidades.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

O Regulamento da Ria

E A IMPRENSA DISTRITAL

. . . .

O seu procedimento (o do snr. Brito Guimarães) não merece os nossos louvores porque é apenas o cumprimento elementar de um compromisso tomado com os seus eleitores e é por isso o cumprimento do dever que por si mesmo traz á honra da consciencia estimulo e prémio. No entanto apraz-nos aplaudi-lo e salientar a sua atitude em face do silencio dos outros Representantes do Circulo, cuja acção porêm não póde deixar de ser em harmonia com os nossos interesses e até com os seus proprios interesses politicos.

. . . .

E' preciso modificar a legislação da Capitania!

. . . .

(De *O Povo da Murtosa*, de 20 de Janeiro)

Oferecemos hoje á ponderação dos nossos leitores estes excerptos, arrancados a um blóco de prósa lapidar, publicado sob a epigrafe *Delenda est Carthago*, do sombrio Catão, num jornal que se prepara para arrazar a Capitanía do porto e todas as leis e regulamentos maritimos, cuja execução lhe está confiada.

Estas maravilhas de tão delicado saber literario decerto provéem de *Aquele* que finalmente chegou a escrever uma prósa como nunca houve, suprema perfeição da fórma cristalisando a sublimidade da ideia, e que assim atingiu a rara ventura de realisar o torturante ideal de Fradique Mendes.

O nosso ilustre amigo, snr. dr. Brito Guimarães, decerto cobrará alentos para novo esforço; os restantes deputados pelo circulo de Estarreja, tão claramente ameaçados pela espada de Damocles, decerto terão mais cuidado com os seus *interesses politicos;* o sr. Juiz consultor do Ministerio da Marinha decerto reconhecerá a *falta de espirito juridico* que tem presidido á revisão de toda a legislação maritima; o sr. Capitão do porto deve meditar no possivel advento do Scipião da Murtosa que o hade pulverisar.

Serão estes os sinaes percussores de qualquer cataclismo social?

Estejamos socegados; estamos apenas em presença de mais uma tentativa para fecundar a prolifera *porca eleitoral*. Ha vicios tão enraizados que nem o fogo das revoluções os póde exterminar!

Os processos de corrupção que durante tantos anos serviram á actividade politica do nosso distrito, que no genero chegou a sêr modelar, ainda teem muitos adeptos: explorar o problema economico da ria, explorar as isenções do serviço militar, em proveito dos afilhados, dos afortunados, dos audazes, contra o pária, o desgraçado, outra coisa não fizeram os que agora se proclamam seus estrenuos defensores. Que lhes deve o proletariado maritimo? Nem uma escola, nem uma instituição de previdencia, nem uma unica medida de fomento, ou qualquer fórma de assistencia social, que viesse melhorar as desgraçadas condições da sua vida material e moral; pelo contrario, protegeram a sua igno-

rancia, promoveram a sua mizeria, sempre crescente, abandonando-o ás suas tendencias dispersivas. A unica instituição de previdencia destinada a melhorar as condições de vida do proletariado maritimo, a Caixa de Protecção a pescadores pobres, é uma obra da Republica.

Ainda no seu inicio ela vai alargando progressivamente a sua acção sem alardes, sem se desviar do seu verdadeiro objectivo social, inteiramente extranha ás influencias da politiquice. Disciplina-se a actividade desta parte do proletariado, tão esquecido por todos os que durante dezenas de anos o exploram torpemente, e sem o reduzir á condição de escravo, procura-se garantir-lhe na velhice o pão de cada dia!

Alguma vez estes senhores se lembrariam de proteger o proletariado por esta fôrma?

Convençam-se de que soou ha muito a ultima hora do seu nefasto predominio. Passou o tempo, e nunca mais voltará, em que a vontade desses senhores, as exigencias do seu poderio eleitoral, se impunham a tudo e a todos. Desrespeitavam as leis, derogavam regulamentos, perseguiam os funcionarios que de bôa mente se não submetiam ás suas imposições, e cinicamente alardeavam estas façanhas que davam a bitóla da sua preponderancia na administração publica. ¡Nós só admirâmos o impudor com que agora acusam aqueles que, honestamente cumprem o seu dever, fazendo cumprir as leis.

O cacique tendo perdido todo o prestigio, incapaz de se impôr á administração, impotente para perseguir o funcionario *insubmisso*, que o molesta porque cumpre a lei, e ele não conhecia outra que não fôsse a do seu interesse, intriga, calunia, promete, lisongeia e ameaça, margina os códigos, trapaceia perante o poder judicial, de mandão desce a agitador corriqueiro, ilude-se a si mesmo supondo que o ouvem, e só consegue demonstrar que uma força progressiva e irresistivel, o reduziu definitivamente a uma condição parasitaria. O *Democrata* ataca-os de frente? Está na sua tradição, diametralmente oposta á tradição cacical que eles representam.

O balanço das perdas e ganhos desta luta a seu tempo se fará.

Cruz Vermelha

Esteve na quarta-feira em festa a delegação desta prestante colectividade em Aveiro por virtude da passagem do seu primeiro aniversário.

Como demonstracão de regosijo reuniu á noite em fraternal convivio o corpo activo, que, num requinte de amabilidade, ofereceu á sua direcção, presidida pelo escrivão-notario, sr. Francisco Marques da Silva, e imprensa local, um delicado *copo de agua*, destacando-se nos brindes muitos dos que compõem a util instituição e nela ocupam diversos cargos. O sr. Marques da Silva fez um discurso pequeno, mas recheado de bôa doutrina, salientando-se tambem o sr. dr. André dos Reis na sua dissertação sobre a Caridade quando lhe coube a vez de agradecer, em nome da imprensa, o honroso convite que lhe fôra endereçado. Uma entusiastica ovação ao novo comissario-chefe sr. Pompeu Alvarenga coroou a simpatica festa, em que tambem disséram da sua justiça os srs. Dezidério Frias, Domingos dos Reis, José Espirito Santo, Antonio José Marques, Antéro de Almeida, Abel Costa, incansavel secretário da Corporação, Francisco Freire, João Pina, além doutros cujos nomes nos não ocorrem, e que mais ou menos puzéram em relêvo os serviços até hoje prestados pela delegação em Aveiro da Cruz Vermelha, digna da protecção de todos visto que a todos póde benificiar em criticas ocasiões.

Pela nossa parte e agradecendo a amabilidade do convite com que fômos distinguidos, fazemos votos pelas continuas prosperidades da benemerita colectividade, já hoje considerada indispensavel entre nós.

Pela imprensa

—=(*)=—

"A Manhã„

Intitula-se assim um novo diário que vai aparecer em Lisboa e de cuja redacção fazem parte os srs. Luiz Derouet, Gregorio Fernandes, Santos Vieira e José do O', saídos ha pouco do jornal *O Mundo* por solidariedade com o seu colêga Alberto Barbosa, a quem o recente conflito suscitado com as emprêsas teatrais por causa da proíbição do carnaval, que o orgão democratico advogava, colocou na contingencia de abandonar aquela folha como satisfação aos interesses feridos.

Ainda se não sabe quais sejam os intuitos que animam os cooperadores da anunciada gazeta, não obstante ter sido convidado para a dirigir, aceitando esse encargo, o conhecido escritor Mayer Garção, que no *Mundo* tambem colaborou durante largos anos.

A iluminação da cidade

—=(*)=—

Tendo a Câmara Municipal rescindido com a Companhia do Gaz o contrato existente para o fornecimento da luz, contrato que se não fôra a situação ainda levaria mais de 20 anos para caducar, começará Aveiro, de ámanhã em deante, a ser iluminado a petroleo para o que, por parte do municipio, se estão concluindo os necessarios preparativos.

Nas ultimas noites já muitas ruas teem ficado ás escuras, devido á falta de carvão e pessima qualidade deste, vendo-se tambem os estabelecimentos obrigados á substituição do gaz, cujo poder iluminante era, a bem dizer, nulo.

E a proposito: que pensa o sr. comissario de policia fazer no meio de todas estas infelicidades? Se pelos antecedentes se tiram os consequentes, é talvez escusado cançarmonos porque a respeito de vigilancia noturna não nos parece que o snr. Encarnação tenha tempo para se dedicar a esse assunto de capital importancia e não menos digno de atenção. Todavía, devendo interessar a toda a cidade o problema da segurança publica, o nosso lamiré aqui fica devidamente patenteado, embora com a certêsa de que se quando havia bôa luz era raro encontrar-se um guarda depois de determinada hora da noite, agora peor.

Mas oxalá nos enganêmos e aqueles que deliberaram munir-se das suas pistolas, como arma de defêsa, não tenham ensejo de as trazer sempre aperradas.

NECROLOGIA

Faleceram esta semana os srs, David Costa, guarda do Muzeu, que deixa numerosa familia e Julio Gomes, antigo empregado menor da Câmara Municipal, de cujos serviços andava afastado desde que adoeceu.

= Egualmente deixou de existir a sr.ª Izabel Augusta Ferreira, sogra do nosso amigo e activo negociante da praça de Aveiro, sr. Antonio Maia.

Tinha 77 anos, vitimando-a em curtos instantes uma apoplexia.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

Junta Geral

—=(*)=—

Com a assistencia da maioria dos procuradores, efectuou-se, como fôra anunciada, a reunião da Junta Geral do distrito, no ultimo sabado, á qual presidiu, depois de ter sido reeleito, o seu antigo presidente sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas.

Antes de entrar na ordem do dia e por proposta do procurador dr. Antonio de Pinho, que fez um merecido elogio do finado Manuel de Oliveira Costa, representante do concelho da Vila da Feira no seio do corpo administrativo distrital, foi resolvido lançar na acta um voto de profundo pezar pelo desaparecimento da vida de tão prestante cidadão e bem assim conferir ao procurador, snr. Joaquim Alves Moreira, plenos poderes pra, nas exequias que hoje se efectuam por alma do extinto, na matriz da Vila da Feira representar a Junta conjuntamente com uma deputação de asilados que ali irão assistir tambem ao piedoso acto.

Em seguida, o sr. presidente dá conta duma carta anonima que lhe foi enderçada e na qual além de várias alusões nela contidas ao chefe de secretaría, se faz uma acusação que reputa injuriosa para o caracter do antigo presidente da comissão executiva, como seja a de, com a cumplicidade dos funcionário da Junta, se ter locupletado com uma quantia importante o seu cofre, facto que, repete, considera ultra infame.

Sobre o assunto pronunciam-se o dr. Marques da Costa, que invectiva no meio de extraordinária indignação os que de tal arma se servem para o ferir, já que o não puderam envolver no processo que contra os seus colegas se fez instaurar, sem base, visto a sua reputação estar acima de toda a suspeita, terminando por pedir uma sindicancia imediata aos seus actos afim de ser apurada toda a verdade e á quadrilha ficar habilitado a responder como tem respondido a todos os seus detractores, de cara levantada; o snr. dr. Antonio de Pinho, que alvitra a solução de não tomar a Junta conhecimento do imundo papel, relegando-o ao barril do lixo donde saiu e por sua vez Arnaldo Ribeiro, que, dizendo ser a carta anonima moeda corrente nesta terra, como o poderia demonstrar com a colecção das que lhe teem sido dirigidas, certamente pela matulagem que se não sente á vontade ante a atitude tomada na imprensa a proposito das suas baixezas e imoralidades praticadas a todo o instante, abunda na opinião do orador antecedente, propondo o encerramento do caso sem mais preambulos.

A reinteradas instancias, porêm, do tesoureiro da Junta, que deseja não retirar da repartição sem que á sua escrita e valores da mesma seja feito um rigoroso exame, resolve a maioria nomear os procuradores dr. Antonio dos Santos Sobreira, Joaquim Alves Moreira e dr. Antonio Fortunato de Pinho para o levar a efeito e de cuja missão se desempenhou, apresentando passado algum tempo, o seguinte parecer:

A comissão eleita para o exame solicitado pelo tesoureiro da Junta, aos valores em seu poder, desempenhando-se da sua missão, verificou que no respectivo cofre se encontravam todos os titulos de que o mesmo tomou conta pelo auto de nove de maio de 1914, a fl. 8 do livro de conta corrente do tesoureiro com a Junta Geral, á excepção daqueles que caucionam o emprestimo feito por esta Junta, e constam dum conhecimento da Caixa Geral dos Depositos em poder do tesoureiro, e bem assim a quantia de 1.682$72,5. Conferindo na secretaría da Junta o saldo apurado que fez transito para o corrente ano, verificou que este foi de 1.679$20, havendo, pois, a mais no cofre a quantia de 3$52,5.

A comissão,

Antonio Fortunato de Pinho
Joaquim Alves Moreira
Antonio dos Santos Sobreira.

Terminado assim o incidente urdido, na sombra, pela corja que da vilêsa costuma lançar mão sempre que as coisas lhe não correm á medida dos seus desejos, o sr. presidente anuncia que em virtude dum despacho ministerial se tem de proceder á eleição da comissão executiva e por isso convida todos os procuradores a confeccionarem as respectivas listas. Feita a votação, verifica-se este resultado:

EFECTIVOS

Presidente, dr. Marques da Costa; *1.º secretario*, Arnaldo Ribeiro; *2.º secretario*, Elisio Feio; *vogaes:* dr. Samuel Tavares Maia e Antonio Carlos Vidal.

SUPLENTES

Dr. Sá Couto, dr. Albano Ferreira Pinto Coelho, Augusto da Cunha Leitão, João Campos da Silva Salgueiro e Antonio Maria de Matos.

E não havendo mais nada a tratar encerra-se a sessão, que nem por ter a empana-la um acto indigno praticado pela malvadez de qualquer, deixou de corresponder em tudo ao alto espirito administrativo que anima todos os procuradores.

RAPTO

A' hora de findarmos os trabalhos do jornal chega ao nosso conhecimento esta noticia *á sensacion*—uma esbelta creadinha de servir, rosada como uma romã, graciosa, e que por muito tempo fez as delicias dos *habituées* da Farmacia Aveirense, bateu ontem as azas, deixando-se enlaçar por um apaixonado Romeu de espada á cinta, que consigo a levou sem especie alguma de contemplação com o visinho alfaiate, seu galanteador...

Não se sabe ainda o paradeiro dos dois pombinhos, mas o que se supõe é que o caso venha a meter divorcio, visto que ele é casado e ela menor.

Os homens!... dirão algumas mulheres.

As mulheres, as mulheres!... repetirá o sexo forte deante do que se está vendo...

Se ha tanta falta deles...

Amostras sem valor

— DAS —

"Nevroses„ do Porcopio

Amostra n.º 1

Pag. 82

De novo estou doente. Medicina
Acode-me, vem vêr o meu estado!
— O que me dás? Os chás de saramago,
Brometo de potassio e tangerina;

Chloral, para dormir, a quassina,
Banhos do mar, no mes de Santiago?
De tudo isso tomar 'stou já cansado,
E nada dar efeito é minha sina.

O grande e gago vate enganou-se no numero da porta. Não era á medicina que devia recorrer, era á veterinária.

Tem a palavra o nosso amigo Perdigão ou mesmo, em Ilhavo, o *mestre* Alexandre. Deve ser môrmo ou pulmoeira.

Amostra n.º 2

Pag. 92

E eu que veja fulgir
Com toda a sua pujança
Essa bemaventurança
Do ceu, em rosas de Ophyr.

A Ophir, país mal deliniado do mundo antigo, era aonde os navios de Salomão iam procurar pedras preciosas. Na *Lagrima*, Guerra Junqueiro fala nas perolas de Ophir. O Porcopio entendeu e com razão, que *perolas* não se fizeram para ele...

Já a sabedoria das nações o tinha dito ha muito.

Amostra n.º 3

Pag. 91

E' este o teu coração,
Meu poeta, meu amigo,
A quem presta saudação,

Nestes versos que contigo
Aprendi, sem a inspiração
Que tu tens e eu não consigo.

Esta versalhada, que qualquer *Manel*, cantando á viola, faria melhor, uma cousa ainda assim se conclue:—ser o piramidal vate o primeiro Porcopio que se conhece a si proprio.

Pelas amostras só temos a aconselhar uma coisa ao leitor que, *por esmola*, lhe compre o livro — lê-lo na posição em que Camilo se ria dos parvos e dos imbecis, isto é, *dobrado em tres.*

Ponham-se nessa posição, arranquem-lhe todos os dias uma ou mais folhas, conforme as necessidades, e depois digam-nos se o papel é ou não macio e de bom tamanho. Nós achâmo-lo.

CARTA A PORCOPIO

Jornalista e poeta de Ilhavo

Dum admirador do celebrado vate recebemos a seguinte carta que gostosamente publicâmos, desejando tambem contribuir para a sua consagração, muito embora o admirador lhe dê, como se costuma dizer, uma no cravo outra na ferradura.

Eis a carta:

Ex.mo Sr. Porcopio

Eu sei que V. Ex.ª, zoologicamente falando, é apenas um animal superior, um bipede, por acaso, da ordem dos primatas, mas que, sociologicamente, é um produto da selecção natural, digno de emparelhar com o célebre consul de Caligula. Ainda bem para gloria e fama desta terra, que teve a dita de o vêr nascer, que V. Ex.ª foi, sem duvida alguma, mergulhado nas aguas lustraes da pia de Ilhavo para, de futuro, não acontecer como ao divino Homero com sete cidades gregas a disputar-lhe o berço.

E' dos modernos tempos o facto de seu pae, um modesto e habil artista, que nunca se lembrou de tocar rabecão, ter fabricado V. Ex.ª e pena foi que pela mesma fôrma, com perdão da metáfora, não tivesse feito mais um par ao menos do mesmo feitio e tamanho, pois nunca são demais os sobresalentes de tão *fino* cabedal poetico. Por esse lado, Milton, o grande poeta inglês que escreveu o *Paraizo Perdido*, aproxima-se de V. Ex.ª, lembora lhe fique muito áquem pelo genio e ritmo dos versos. As *Primeiras Letras*, auspiciosa estreia de V. Ex.ª, são as manifestações dum poeta inconfundivel, muito embora um invejoso critico brazileiro ousasse dizer que era assim intitulado o livro para mostrar que V. Ex.ª em arte poetica ainda não passára do A B C. Mas ainda bem que V. Ex.ª continuou a dar provas do seu potente saber, escrevendo com muita gramatica e até citando latim, embora copiado da *Colecção de frazes latinas*, editada pela casa Lucas Torres.

Alguem mal intencionado poderia dizer que V. Ex.ª está *velho para aprender linguas* ou compara-lo ao *latinista* Rechina que tambem engrolava latim sem lhe perceber a significação, mas a profunda admiração que sentimos, só nos deixa vêr a bôa vontade de V. Ex.ª se aproximar dos seus defuntos colegas Virgilio, Horacio, Ovidio e Juvenal, todos celebrados poetas e dos quaes, o ultimo, lhe deixou em testamento a agudeza da ironia e o riso sarcastico das suas satiras como, modestamente, V. Ex.ª deixa perceber em seus escritos.

Como V. Ex.ª sabe (ou os grandes genios não tivessem a presciencia de tudo!) ha muito imbecil invejoso por este mundo e quando V. Ex.ª se mirar nesse espelho não se esqueça de pôr, por baixo da sua prosa ou verso, o seu proprio nome Porcopio de Oliveira, não por V. Ex.ª ser desse pau feito, mas para evitar confusões que lhe pódem prejudicar a futura glorificação. De idiotas de tal jaez, V. Ex.ª bem o sabe, não são ideias o que lhe sáe da cabeça; quando muito poderá saír uma *cabeçada*, quando se prestam a andar á arreata de quem teve o mau gosto de os alquilar para escoucinhar o proximo.

V. Ex.ª que fez espantosas descobertas na bela arte da rima, que é um mixto de Camões pela epopeia e de Anacreonte pelo lirismo, é inconfundivel, bem o sabemos, pois o estilo faz o homem e, quem o lêr, assine V. Ex.ª embora só com um P., dirá logo que tal náco de prosa ou fatia de verso não póde ser senão do profundo e perfeito poeta Porcopio, nado e creado em Ilhavo, pois aquele P. por si só representa os quatro do profundo, do perfeito, do poeta e do Porcopio.

Acreditâmos até que a célebre *caveira de burro* que dizem existir enterrada nesta terra e que a não deixa progredir, será daqui para o futuro substituida com manifesta vantagem pelo craneo de V. Ex.ª, tão fecundo e tão cheio de talento como uma cabaça, em maturação, está cheia de pevide. E, assim, a agudeza do seu cérebro que não é senão o reflexo da fórma exterior da sua caixa craneana, passará á posteridade como esse mito indigena, invejado por todos os criticos havidos e por haver, até mesmo na Gafanha que é terra de bons *pés de batata*. De resto, o facto talvez possa ser explicado por um simples caso de atavismo, confrontando os indices faciaes dos dois.

Faz-nos V. Ex.ª lembrar, em poesia e critica, os célebres *Burros* de frei Agostinho de Macedo, tal é o valor duma e a pujança da outra, formando como dois tirantes de igual tamanho entre os quaes V. Ex.ª chegará á imortalidade a que se destina. Desculpe-nos o beliscarmos a sua comprovada modestia, mas a muita admiração que temos pelo seu talento não nos permite que deixemos de contribuir, desta fórma, para o monumento (equestre com certeza) da sua consagração, feita mesmo em vida, como é justo que se faça aos grandes homens.

Com mais que provada aptidão tem V. Ex.ª puchado pelo engenho e, como vulgarmente se costuma dizer, metido o seu nariz de critico no verso e prosa dos outros. Acreditâmos que se fôsse adivinhada a sua intenção eles não fariam coisa tão somenos mas, *pelo contrario*, procurariam fazer obra mais a seu gosto para ficar bem satisfeito, pois todos se devem *temer da* sua critica, em que mostra magnifica embocadura.

Escrevendo-lhe esta carta não é para V. Ex.ª a *autopsiar*, apreciando-lhe o *recheio*, pois que, fazendo-lhe justiça, e sem que o lisongerio como é de tão finas qualidades, nunca pensariamos em compararmos a V. Ex.ª que é, indubitavelmente, o que de melhor existe tanto no genero como na especie, marcando-lhe a Natureza um logar á parte da Humanidade.

E, estribando-nos nas provas do seu genio e talento, confessa-se seu modesto admirador

Ilhavo, Carnaval de 1917.

X. Lisboa
Acendedor de candieiros

O PÃO

Referindo-nos novamente a este momentoso assunto, outros motivos nos não animam mais que aqueles que possam concorrer para que seja por todos devidamente ponderada a alta gravidade da situação, que, hora a hora, se vai complicando tanto aqui em Aveiro, como por todo o país.

Ou má ou bôa, a lei creou dois tipos de pão, indicando não só a percentagem da mistura para a sua manipulação como o respectivo preço para cada quilo desses mesmos tipos—9 e 30 centávos.

Marcou o praso para o integral cumprimento dessa lei, incumbindo as câmaras de regularem o melhor processo de acordo com os proprietarios de padarias, para o inicio da venda do tipo desse pão para os pobres, que é o de 9 centávos.

Todos, absolutamente todos, de sobejo conhecem por experiencia propria quanto a vida se vai dificultando dia a dia, duma fórma verdadeiramente aterradora, precipitando-se não só nas classes mais desprotegidas, mas até naquelas algo remediadas, perturbações gráves de economia e em muitos lares situações que roçam já pela carencia completa de um certo numero de generos, muitos deles de primeira necessidade. A falta de várias mercadorias e a criminosa ganancia de alguns comerciantes vão, sem duvida, creando um tal estado de perturbação, que a todos cabe o indeclinavel dever de evitar que esse estado se agrave com terriveis e fataes consequencias, que certamente não agradam a ninguem. Até hoje não vimos cumprir, na generalidade, a disposição da lei que visa o beneficio e auxilio a quantos se debatem, com mais sacrificio, nas contingencias da vida.

Sómente a fabrica dos snrs. Cristo, Rocha, Miranda & C.ª fabríca o pão de 9 centávos, que todavía vende em determinadas condições, restringindo, por isso, notavelmente o beneficio que a lei estatuiu.

Muito desejariamos que todos os proprietarios de padarias déssem começo á creação do referido tipo de pão barato, concorrendo assim para se não tornar tão agudo este momento de verdadeira anciedade para uns e já de manifesto desespero para outros. A vereação municipal, interessando-se, sem demora, na modificação deste estado de cousas, com o emprego dos seus esforços para conseguir o cumprimento rigoroso da lei, independente do alcance que tal medida produziria na economia publica e—quem sabe?—em qualquer acto futuro de gráves consequencias, teria resolvido um problêma que se impõe pela sua alta gravidade.

Em Lisboa esboçaram-se com assustadora nitidez violentas colisões, como, infelizmente, sempre sucede, quando o povo, farto de reclamar, abandona os brandos processos de fazer ouvir as suas queixas.

Em Santarem, para se não repetir o mesmo, a auctoridade respectiva, não encontrando em nenhuma padaria o pão para o preço de 9 centávos, viu-se obrigada a que o de 30 fôsse vendido ao preço de 9, conseguindo assim que no dia seguinte todas as padarias estivessem devidamente habilitadas a vender o pão dos pobres.

Ainda que sacrificando insignificantemente o maximo lucro, acudam na medida das suas forças para que se não produza o grande desiquilibrio para o qual estâmos todos marchando—uns pelo abandono a que votaram a vigilancia, as funcções e as responsabilidades dos seus cargos, outros pela indiferença ou pela ganancia nos seus interesses. A continuarmos assim, neste condemnavel desamparo da protecção devida aos que não tem, não hajam desgraçadamente futuras razões de mal dizer o sucedido.

A' câmara, ás auctoridades e aos proprietarios de padarias solicitâmos, pois, e mais uma vez, o indispensavel entendimento para a rapida resolução do assunto, neste momento dificil que atravessâmos.

Enquanto é tempo...

Contra a Alemanha

PORTUGAL NOS CAMPOS DE BATALHA

Não é segredo para ninguem que está já em terra francêsa o primeiro troço do corpo expedicionario português, que ao lado das tropas aliadas batalhará tambem, dando o seu sangue, pela victoria da Liberdade, sonho dourado dos povos cultos.

A travessia no Oceano foi demorada e tormentosa. Uma impetuosa tempestade envolveu toda a numerosa flotilha pouco depois da largada, tendo alguns barcos de retroceder, taes foram as avarias que sofreram. Outros avançaram, atingindo as costas de França, termo da viagem. Contudo, sofreram tambem, especialmente os barcos de menor tonelagem, como os *destroyers* inglêses que precisam cêrca

de um mez para as reparações necessarias.

Os nossos soldados foram aclamados e o nome de Portugal saudado com enternecimento e entusiasmo.

A oficialidade portuguêsa tem chamado a atenção dos camaradas estrangeiros, evidenciando os seus conhecimentos e instrucção, nomeadamente os de artilheria, que de pronto se impozeram á admiração dos seus colegas pela maneira como logo revelaram os vastos e completos conhecimentos dessa arma.

Várias baterias inglêsas e francêsas estão já em exercicio sob a direcção exclusiva de oficiaes portuguêses.

Até agora o peor inimigo dos nossos soldados tem sido a temperatura, que é excessivamente fria —15° abaixo de zero!

Nas proprias barracas onde em vários pontos estão alojados 18 e 20 homens, com fogão acêso durante horas, a temperatura é ainda de 8° negativos!

Parece que este motivo demorará por algum tempo a partida do resto das forças que completarão a totalidade do corpo expedicionario português.

Os nossos soldados terão de conhecer ali outra arma, visto que não se servirão de aquela que é cá adoptada, por diferença de munições.

Temos a convicção de que o excrcito português saberá honrar e engrandecer a sua bandeira, destinguindo-se como tanta vez a historia regista nos campos de batalha, já que a loucura ambiciona dum homem a tanto tem levado a humanidade inteira.

Que a sorte e a ventura bafejem os nossos queridos soldados, quando, iniciando o ataque, bradem entusiasticos e destemidos:

— Viva Portugal!

Nós e o "Jornal d'Albergaria"

Comnosco proprios nos congratulâmos pelas considerações sinceras e francas que escrevemos em resposta ás alusões erradas, por desconhecimento, que á nossa atitude fizéra o *Jornal de Albergaria*. Da verdade de taes considerações resultou, com intima satisfação para nós, que aquele colêga lealmente viésse fazer inteira justiça á nossa atitude de impenitentes revoltados contra tudo que manche a pureza da doutrina republicana. Todavia nas suas palavras ha ainda alusões a pessoas e a cousas que nos cabe o indeclinavel direito de vir esclarecê-las, de maneira que os nossos sentimentos, a nossa orientação e as rasões da nossa luta fiquem bastante claras e limpidas, na serenidade desta discussão entre homens que se prezam e que não trocam o seu ideal pelo proveito comezinho de nenhum provento, o mais rendoso, que implique um desrespeito á lei, uma ofensa á moralidade.

Viu o autor do artigo, que, pelo seu texto se denuncia apenas colaborador do *Jornal de Albergaria*, que o nosso radicalismo não se acentua apenas nas rasões citadas, mas ainda naquele campo de libertação que nos não amarra a ninguem nem nos prende a um grupo. Republicanos de sempre, defendendo e aplaudindo o programa maximo desse ideal, nós aproximâmo-nos, sem nos confundirmos, com quem, feita a Republica, veiu tornar em realidade toda a velha aspiração dos republicanos historicos. Esse *quem*, foi Afonso Costa. Poderia ter sido Antonio José de Almeida, Sebastião de Magalhães Lima, Teofilo Braga, Brito Camacho. Qualquer deles teria o nosso entusiastico aplauso, o nosso insignificante, é certo, mas decidido apoio. Contudo, isso não constituiu para nós a obrigação moral ou patriotica de aplaudir esse politico ámanhã, na pratica dum acto imoral, na execução de uma medida desonesta.

Não temos idolos, nem abdicamos do liberrimo direito de protesto, contra tudo, venha de onde viér, que a nossa consciencia de patriotas e de republicanos—sem confecção—considere e julgue como prejudicial e má! Nestas colunas temos assinalado todas as bôas acções e sãos principios de justiça, venham do sr. Afonso Costa, venham seja de quem fôr. Mas nestas mesmas colunas, cáro colêga, aqui temos condenado e azorragado, tambem, quanto os nossos sentimentos de homens de bem repudiam e rejeitam.

Temos trazido em exibição ainda nas mesmas colunas os gatunos, os vigaristas, a matulagem de todos os tempos, os transfugas de todas as éras que, por se transformarem em 24 horas dos mais ferrenhos e intransigentes monarquicos, nos mais encarniçados e intolerantes republicanos, entenderam dever praticar a mesma sorte de crimes, de imoralidades e de gatunices, só porque se fizéram *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, com a protecção dos logares tenentes do sr. Afonso Costa, que erradamente supõe que mais lhe valerão os serviços dos pifios protectores da cambada, do que o aplauso e a sinceridade de todos quantos se não bandeiam ou misturam com tão velha e conhecida quadrilha.

Assim, por este motivo, isto é, porque se passaram para dentro da Republica os mesmos criminosos da monarquia, continuando na pratica inalteravel das mesmas infamias e das mesmissimas imoralidades, com a vergonhissima agravante—não sabemos como de nojo e revolta o podemos referir—de terem o aplauso e a convivencia dos taes determinados republicanos, por esse motivo, diziamos, o colêga não vê *um movimento de protesto eficaz contra tão funda corrução que lavra na politica distrital*. Antes, concorda o *Jornal de Albergaria* e diz comnosco, identificando-se nas rasões das nossas rasões de queixa: *vê patentear-se a cinica ironia, tripudiar a impunidade, alastrar-se a corrução e triunfar impudico o peculato como simtomas alarmantes do ruir duma Patria, do acabar dum povo pela peste de tanta ilegalidade, pelo ha-*

bito de tanta prostituição e de tanto vicio duma vilanagem cujo unico ideal não tem sido outro senão fartar... fartar... fartar.

E' o quadro rigoroso da verdade. E é essa verdade que nos tem mantido aqui, inabalavelmente firmes neste modestissimo posto, arrostando com toda a sorte de lutas e de contrariedades: desde o invento das mais baixas calunias á mais reles e baixa transigencia e concordancia de vários bandidos, condenando-nos, para cobrirem crimes dos culpados... *inocentissimos!* Podemos, pois, no campo em que nos encontramos apertarmos sincéra, comovedoramente as mãos, sem receio, na mais leal e fraternal camaradagem de puritanos soldados da mesma causa.

Mas permita-nos ainda o coléga que, relativamente á sua altiva recusa *em afivelar ao pescoço uma coleira que o arrastaria com os mais infimos sabujos do caudal da protervia e corrução dum partidarismo*—seja ele qual fôr, bem entendido — reproduzâmos as palavras que em 28 de Janeiro de 1916 escreviamos numa das paginas deste jornal:

«A orientação do *Democrata* está exuberantemente evidenciada nos seus oito anos de publicação, empenhado com a maior e mais decidida lealdade na defêsa persistente e rigida dos genuinos e sãos principios democraticos, sem outra preocupação mais do que servi-los e engrandece-los atravez de todos os sacrificios, que não teem sido poucos. Absolutamente irredutivel dentro destes principios, inabalavelmente decidido a seguir este caminho— apontando a injustiça, acusando o erro, denunciando o abuso—não será a comunhão de ideais rasão bastante para o inibir de condenar o proprio correligionario prevaricador. Terrivelmente irá que um partido cale, consinta e afague no seu seio os crimes, as ilegalidades ou outros quaesquer actos que ofendam ou firam o prestigio do Direito, a grandêsa da Justiça, a intangibilidade da Lei, só porque o culpado, o criminoso é um correligionario— simples, obscuro, ou valioso e de destaque. Poderá alguem menos puritano do que nós, classificar tal orientação de indisciplinada e atrabiliária; mas em bôa verdade ela não é mais do que o sagrado respeito que nos merecem os principios pelos quaes largos anos passámos afirmando e garantindo ás massas populares, á nação inteira, a religiosa realisação das afirmações solénes e gráves do partido republicano.»

Por estas palavras, escritas sem reserva, convencer-se-á o coléga de Albergaria da verdade das nossas afirmações e como está plenamente autentificado o radicalismo republicano deste jornal. De resto, a canalha, a plebe augusta, hade estremecer mais uma vez e como ás grandes convulsões etereas sucede a purificação atmosferica, assim desse estremeção resultará a indispensavel selecção dos bons, dos desinteressados republicanos e genuinos patriotas para que todos nós, de mãos dadas e cára levantada, possâmos repetir num formidavel e estridente côro a palavra santa e indicadora do nosso torrão sagrado:

Portugal! Portugal!

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Reis.*

Notas mundanas

Com pequena demora, visto ter de continuar a tratar da sua saude em Coimbra, para onde voltou ontem, esteve em Aveiro o capitão de infanteria Gaspar Ferreira, a quem pela primeira vez abraçámos depois de promovido e colocado no 15.

Sinceramente estimâmos o completo restabelecimento do inteligente oficial.

✣ *Foi baptisado na paroquial de Vila Chã um filhinho do acreditado farmaceutico de Macieira de Cambra, sr. Antonio Teixeira da Silva, que teve por padrinhos o benemerico daquele concelho, sr. Luiz Bernardo de Almeida e sua esposa.*

✣ *Por não ter podido embarcar, em Barcelona, no navio que o devia conduzir ao Extremo-Oriente, voltou a Lisboa o considerado clinico, nosso conterraneo, dr. Antonio Leitão, abrindo de novo o seu consultorio na rua de S. Vicente, á Guia, 25-2.°*

✣ *Faz hoje anos o ilustre aveirense, sr. dr. Casimiro Barreto Ferraz Sacheti Taveira, atualmente no Porto onde, para educação de seus filhos, fixou residencia.*

Os nossos parabens.

✣ *Esteve doente em Fornos de Algodres o sr. dr. Isaac Domingues Ribeiro, que ali exerce as funções de oficial do Registo Civil, sendo muito considerado.*

✣ *Por ter sido promovido á 2.ª classe, vai fixar residencia em S. Tiago de Cacem, o sr. dr. Simão José, digno delegado do Procurador da Republica e senador.*

✣ *De regresso de Africa Oriental, para onde tinha seguido com uma expedição militar, é esperado hoje nesta cidade o sr. José Augusto Fernandes, muito digno empregado comercial.*

Dâmos-lhe as bôas-vindas.

✣ *Tem guardado o leito, doente, o sr. dr. Adriano Amorim, delegado do Procurador da Republica nesta comarca.*

✣ *Estiveram ontem em Aveiro, os srs. Francisco Valerio Mostardinha, João Ferreira Ribeiro e Manuel Silvestre e sua esposa, de Nariz.*

Pobre coração! Como ainda sangra com ELE atravessado!...

A politica

Urge uma depuração radical

O nosso estimado coléga de Coimbra, *Resistencia*, fazendo no seu numero de 10 do corrente justas considerações ácêrca da politica atual, escreve:

. . . .

De ha muito que se diz: — urge fazer uma limpêsa; importa baralhar e tornar a dar; convem que os partidos se depurem e que a escoria crivada vá constituir uma patrulha bem visivel para que mais facilmente possa a Nação imunizar-se e não sofrer a acção deleteria e perigosa desses cavalheiros.

Ultimamente está operando-se a selecção, mas o joeiramento está longe de ter terminado a limpeza: no trigo ha, ainda, muito joio.

Muitos que se sentem mal já nos respectivos agrupamentos e que se sentem mal porque vêem e sentem as vaias da Opinião Publica, mais ou menos desvergonhadamente vão deixando-se ficar para que, encostados ao poder ou disfrutando-o, possam mais facilmente locupletar-se á custa de habilidades por todos vistas e criticadas.

Se os partidos quizérem ser honestos importa-lhes indicar a esses sujeitos a rua, já que eles fingem não perceber que os seus jogos estão vistos e conhecidos.

Se os partidos não tivérem esse acto de moralidade e de coragem, não segurarão esses elementos e ficarão conspurcados pelas suas façanhas, como de facto vão estando,

O que se hade forçosamente fazer tarde que se faça já, tanto mais que, neste momento, estando, como estão, os dois partidas em bôa harmonia, não ha o perigo de desiquilibrio.

Ou, agora, a politica se depúra ou a corrupção crescerá, como lepra, e depressa invadirá todo o côrpo social.

Importa, pois, que todos os sincéros, os puros, os que pensam a sério na regeneração dos nossos costumes politicos, os que se mantém no ponto de vista moral que tinhamos e exteriorisávamos nos tempos da propaganda, se unam como um só homem e empurrem para fóra do tablado da politica, ou, o que equivale, para fóra do campo donde se dirige a Nação, todos os traficantes, todos os corruptos, todos os que abusam das facilidades que a situação politica lhes creou para mercadejarem seja qual fôr o género de mercadoria, qualquer que seja a moeda porque se fazem pagar.

Assim; ou a Republica resvala no charco imundo das veniagas e dos conchavos mais desvergonhadamente do que sucedeu ao constitucionalismo monarquico.

Ao menos, na monarquia, havia tal ou qual prurido de honestidade: perpetravam-se os factos com certo recato e por pessoas que tinham superioridade... na corrupção.

Os vendilhões vão percebendo que a Opinião Publica os vai marcando a ferro em braza; não é bastante.

A politica deve depurar-se, mas para que haja decencia, importa que essa depuração se faça por uma vontade decidida, determinada, dos republicanos, dos cidadãos cuja condueta lhes dà direito a proceder.

E' mais honesto, mais decente e mais proficuo.

Da opinião da *Resisiencia* sômos nós e parece-nos que outros colégas existem neste distrito que secundariam um movimento comum contra o que se está passando no tablado da politica se a essa tarefa se dedicassem, com *vontade decidida*, alguns republicanos, cidadãos cuja condueta lhes dê direito a proceder.

Pela nossa parte, prontos nos encontrarão logo que a tentem. Sem exitações ou qualquer especie de receio.

Já sabem.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 12

Sepultou-se ontem nesta freguezia a sr.ª Joana Rita de Miranda, de 96 anos de idade.

= Estão proibidos neste concelho de Albergaria os divertimentos do Carnaval. Foi uma medida acertada, porque a ocasião não é propria para divertimentos desta ordem. E' preciso ter em vista que os nossos soldados se vão bater nos campos de batalha, derramando, talvez, lá o seu sangue; e que a crise que se atravessa é horrivel. O milho já atingiu o preço de 1$60 cada medida de 20 litros. E' preciso lembrarmo-nos de que a crise é terrivel, e que o tempo não vai para festas.

C.

✣

Pinhão, O. de Azemeis, 12

Faleceu no dia 8 do corrente em Bissau, Guiné Portuguêsa, o nosso conceituado conterraneo e amigo sr. Augusto Antonio de Oliveira. Tão inesperada e dolorosa noticia veio enlutar este lugar que vê desaparecer um dos seus estimados habitantes, consternando-nos bastante tal facto, pois era um excelente chefe de familia e o amparo de seus filhinhos, que devéras irão sentir a grandissima falta do pae amantissimo tão permaturamente roubado ao seu convivio.

Esta falta paterna arrebata-nos; e acompanhando no mesmo pranto a enlutada familia, expressamos-lhe as nossas condolencias pela grandissima dôr que a acaba de prostrar, em especialidade Manuel Antonio de Oliveira, dedicado irmão do finado e que deserto lhe assistiu aos ultimos momentos.

C.

EDITAL

A COMISSÃO EXECUTIVA DA JUNTA GERAL DO DISTRITO DE AVEIRO

FÁZ público, nos termos do artigo 22 da Lei Administrativa de 7 de Agosto de 1913, que as suas sessões ordinárias deverão realizar-se no edificio do Govêrno Civil e sala das sessões da Junta Geral, em todos os sábados, pelas 13 horas, não sendo feriado, porque sendo-o far-se-ão nos dias imediatos.

E, para todos os fins e efeitos legais se publíca o presente e outros de igual teôr que vão ser afixados nos logares públicos do costume.

Aveiro e Secretaría da Junta Geral, 13 de Fevereiro de 1917. E eu Paulo José Pereira Guimarães, chefe da secretaría o escrevi.

O Presidente,

(a) **Antonio Maria da Cunha Marques da Costa**